



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MÔNICA VALÉRIA ARAÚJO DOS SANTOS**

**A PROBLEMÁTICA DAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS NA  
LITERATURA DE CORDEL: MENDICÂNCIA E POBREZA EM VERSOS.**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2012**

**Mônica Valéria Araújo dos Santos**

**A Problemática das Representações Culturais na Literatura de  
Cordel: Mendicância e pobreza em versos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação  
em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à  
exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

**Orientador(a): Prof(a) Dr(a) Auricélia Lopes Pereira.**

**Campina Grande- P.B  
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S237p

Santos, Mônica Valéria Araújo dos.

A problemática das representações culturais na literatura de cordel [manuscrito]: Mendicância e pobreza em versos/Mônica Valéria Araújo dos Santos. – 2012.

20 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Auricélia Lopes Pereira, Departamento de História”.

1. Literatura de Cordel 2. Mendicância 3. Cultura Popular I. Título.

21. ed. CDD 398.5

**A Problemática das Representações Culturais na Literatura de  
Cordel: Mendicância e pobreza em versos.**

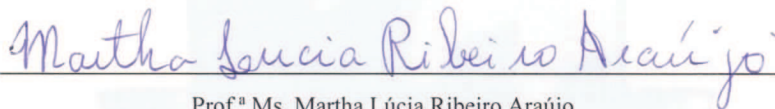
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação  
em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à  
exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovada em 22 de junho de 2012. Nota 10.0



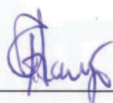
---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Auricélia Lopes Pereira  
Orientadora



---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Martha Lúcia Ribeiro Araújo  
Examinadora



---

Prof.<sup>a</sup> Patrícia Cristina Aragão Araújo  
Examinadora

**UEPB**

## **Agradecimentos**

A Deus, amor maior que nos move e direciona.

A minha família, em especial minha mãe, Antônia, que é a razão de minha existência, amor incondicional que me apóia e incentiva.

A meu noivo, Thiago, sem o qual eu sequer estaria concluindo essa trajetória, meu exemplo de determinação e ânimo nos instantes de desalento a quem amo demasiadamente.

A todos(as) amigos(as) do curso com quem dividi ótimos momentos a cada dia e que se farão presente em minhas lembranças sempre: Carlos, Cecy (Manu), Danielle, Denise, Diógenes, Ezequiel, Eduardo, Fernanda, Gabi, Hérica, Ziza, João, Luan, Kellysson, Michelle, Renato, Robério e Taty.

A todos(as) professores do curso pelos(as) quais guardo profunda admiração e sou muitíssimo grata pelo aprendizado obtido por meio destes(as).

À professora Auricélia Lopes, profissional e pessoa competente e humana, que compartilha seu tempo conosco ajudando-nos ao longo do curso, com sua dedicação e profissionalismo auxiliando-nos sempre.

Às bibliotecárias da Biblioteca Átila de Almeida pelo acolhimento e pela disponibilidade em procurar as obras para que eu pudesse pesquisar.

Enfim, a todos(as) que de muitas formas contribuíram para a realização desse sonho.

Mônica Valéria

A arte é a expressão da sociedade em seu conjunto: crenças, idéias que faz de si e do mundo. Diz tanto quanto os textos de seu tempo, às vezes até mais. (Georges Duby)

# **A problemática das representações culturais na Literatura de cordel: Mendicância e pobreza em versos.**

SANTOS, Mônica Valéria Araújo dos<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Esta pesquisa apresenta como tema central o estudo da Mendicância na Literatura de cordel. A literatura de cordel se configura como manifestação da cultura popular, visto que ela é atravessada por significações. Assim, não se configura apenas como expressão literária, mas também como um discurso popular que deve ser devidamente resgatado e reconhecido como aspecto de extrema relevância para a cultura do país. Este trabalho é resultado da pesquisa empreendida no Projeto de Pesquisa *A mendicância nas páginas do cordel*, sob orientação da professora Auricélia Lopes Pereira, tendo por objetivo analisar a configuração da mendicância na escrita destes cordéis. Sua importância enquanto trabalho de iniciação científica, e agora Trabalho de Conclusão de Curso, proporciona efetivamente a explanação dos espaços limitados que as discussões acadêmicas apresentam. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa. No referencial teórico foram abordados os principais aspectos relacionados à Literatura de cordel, através da utilização de autores como Mendes, Chartier, Eagleton, Bourdieu, Certeau, Bosi, entre outros, para atribuir credibilidade às proposições defendidas. A análise de dados foi realizada por meio de uma catalogação dos folhetos de cordéis, bem como a pesquisa na Biblioteca Átila de Almeida, localizada na Reitoria da UEPB. No referencial metodológico é apresentada a análise realizada dos folhetos de cordel, afirmando a importância de dois grandes nomes da literatura de cordel no Brasil: Patativa do Assaré e Leandro Gomes de Barros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura de Cordel. Mendicância. Cultura Popular.

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela UEPB. E-mail: valeriamonica88@hotmail.com.

## Introdução

O estudo da Literatura de cordel proporciona o entendimento da cultura popular brasileira. A Literatura de Cordel é a denominação dada a pequenas histórias narradas em versos que, são assim chamadas por serem comercializadas penduradas em cordões (em Portugal Cordel). Inicialmente era oral, sendo cantada, depois ganha versão impressa em folhetos ilustrados por meio da xilogravura<sup>2</sup>. Chega ao Brasil por meio dos colonizadores portugueses, no séc. XVII<sup>3</sup>, tornando-se notório no nordeste, onde adquire características próprias e, através da inserção de elementos da cultura popular, a cantoria é transformada em escrita e começam a ser publicados em folhetos no final do séc. XIX. Os autores dos folhetos de cordel abordam temas diversos relacionados ao cotidiano do povo nordestino, versando sobre política, religião, romance, problemas sociais, etc. Percebe-se nos cordéis a preocupação com temáticas corriqueiras da vida do nordestino como as secas, os desastres, a pobreza, a fome, o analfabetismo, o alcoolismo, o cangaço, o Pe. Cícero, o escravismo, a mendicância, etc.

A escrita do folheto de cordel é permeada pelo saber popular, seus autores/atores abordam de forma descontraída passagens de seu cotidiano, atribuem sentimentos, significação, subjetividade ao seu trabalho, personalizando sua escrita com graciosidade. Assim abordam desde as temáticas mais sérias (que escondem inclusive denúncias) aos fatos considerados supersticiosos. Através das superstições e credices populares, geralmente carregada de religiosidade, misto de fé e inocência, que a população simples se refugia da seca, da carestia, da pobreza, das moléstias, recorrendo à proteção divina para acalantar seu sofrimento e amenizar suas dores. Muitas vezes apontam tais condições como consequência do castigo divino, justificando assim a miséria que assola a população resignada.

Ao analisar o universo da Literatura de Cordel, pretendo compreender como os autores abordam tal temática bem como a forma de resistência de mendigos e pobres em geral diante das péssimas condições de vida que lhes são próprias, percebendo de que forma estes folhetos de cordel se preocupam no resgate da identidade destes personagens marginais, ignorados pela história oficial. Além dos folhetos, de autores

---

<sup>2</sup> Xilogravura é uma técnica de se esculpir figuras em madeira. Trata-se de um procedimento de confecção artesanal, com resultado semelhante ao carimbo, que permite que a figura fique estampada no papel. Estima-se que sua origem seja chinesa, datando do séc. VI, sendo utilizada no Ocidente durante a Idade Média.

<sup>3</sup> MATOS, IN:MENDES, 2010, p. 20.



nordestinos, escritos nos séc. XIX e XX, utilizo como fonte de pesquisa autores teóricos contemporâneos que discutem a temática da Literatura de cordel.

## **2- Ressignificando e repensando a Literatura de Cordel**

Para garantir legitimidade à nossa pesquisa, recorreremos a autores teóricos que nos possibilitam pensar sobre a temática com mais propriedade para que percebamos a construção da mesma no discurso historiográfico.

Argumentar acerca da Literatura de cordel implica em sair do lugar comum e enveredar por outros discursos, que não os da história oficial. Trata-se de uma abordagem pouco utilizada em trabalhos acadêmicos, mas que, vem ganhando espaço na historiografia, sendo trabalhada já por diversos teóricos preocupados com a cultura popular, que defendem uma releitura da história e seus personagens, contribuindo para a desconstrução dos estereótipos estabelecidos ao longo do processo histórico. Afinal, qual o sentido do ‘fazer história’ senão nos conferir essa possibilidade de desconstrução, do repensar determinados conceitos que nos levam a práticas e resultados errôneos? Fazer história é, antes de qualquer coisa, fazer sentido, é provocar significação, tornando válidas as narrativas dantes esquecidas, fazendo emergir novos sujeitos do interior de uma estrutura excludente e preconceituosa.

Os textos são publicados em livretos fabricados geralmente de maneira artesanal, visto que são produzidos pelo próprio autor, contendo entre 8 e 32 páginas. Foram publicados também alguns livros, porém a vendagem mais está relacionada aos folhetos. Dentre os autores mais procurados estão: Leandro Gomes de Barros, João Martins de Atahyde, José Costa Leite, Antônio Gonçalves (O Patativa do Assaré). Estes possuem diversos livretos publicados por editoras, sendo bastante vendidos e constantemente reeditados.

A partir de uma escrita simples, desnuda de normas cultas da linguagem, os autores manifestam seus sentimentos e jogam com as palavras manifestando sua opinião em relação aos fatos sociais. Trata-se de uma escrita isenta de neutralidade onde o autor é ator da história à qual ele próprio atribui significação, sendo total conhecedor e testemunho da realidade apresentada a seus leitores.

Para pensar o fascínio da literatura de cordel faço menção a obra “Cordel nas Gerais: Oralidade, Mídia e produção de sentido”, organizada por MENDES (2010). Ao apresentar a obra, a autora expõe a necessidade de se “resgatar identidades”, repensando nossas concepções como construções históricas. Nesta perspectiva:

Resgatar o papel do cordel, para ajustar o foco, seria, então, repensar o discurso acadêmico existente, procurando re-significar termos, tais como leitor, autor, texto, oralidade, escrita, plágio, que foram cunhados em um contexto escriptocêntrico e eurocêntrico, no qual a forma de pensar foi “ditada” por padrões que excluíram completamente tudo que não se encaixava nesses paradigmas, a exemplo dos textos orais, da literatura oral, vista como menor, primitiva, simples, rude, masculina e quase morta. (MENDES, IN: MENDES, 2010, p. 07).

Assim, a autora explica que esta obra tem por objetivo reunir autores que escrevem sobre a literatura de cordel com o propósito de abrir novos espaços de discussões acerca da cultura popular.

De acordo com Chartier (1990) A História Cultural é interessante para identificar as diferentes formas de construção e interpretação da realidade social. Portanto, ao voltar-se para a vida social, esse campo pode tomar por objeto as formas e os motivos das suas representações e pensá-las como análise do trabalho de representação das classificações e das exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais de um tempo ou de um espaço. No entanto, a História Cultural deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, uma vez que as representações podem ser pensadas como “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p.17).

A literatura de cordel possibilita uma abordagem sobre questões omissas na história, reedificando parte desconhecida da história do Nordeste, para que se possa compreender a realidade regional do mesmo. Muitos escritos evidenciam a problemática dos desníveis regionais e sócio-culturais, incluída ao discurso político onde é feita uma oposição às políticas de regionalização.

No artigo intitulado “Literatura de cordel: poética, corpo e voz” Matos discute a relevância da oralidade, História oral onde o poeta popular emprega sua voz como veículo de comunicação. Assim ele concilia a linguagem verbal com a linguagem corporal, utilizando seus gestos para conferir legitimidade à sua cantoria. “O poeta

popular usa o corpo todo de forma a conferir potência à palavra – pois nada existe para o poeta de cordel que não possa ser falado – entrelaçando a linguagem verbal com a linguagem gestual, simbiose de palavra e gesto.” (MATOS, IN: MENDES, 2010, p. 18)

Dessa forma a literatura de cordel se configura como narrativas carregadas de significação.

[...] Levantamos a hipótese de que [...] os poetas marcam o seu papel de cronistas: “relatam enquanto escritores”, “vivem do relato do acontecimento.”. E, sobretudo, pretendem-se “porta-voz” dos seus leitores. Eles dizem temer “pau nas costas”: o que pode ser lido como uma forma de denunciar a opressão dos oligarcas, mas o temor não os silencia. (TERRA, 1981, p. 122).

Estes autores com seus personagens extraordinários produzem sentido, reportando o leitor ao universo mágico dos versos que remetem ao cotidiano de pessoas comuns, mas que, a partir da criatividade do autor saem de seus lugares comuns para tornarem-se agentes históricos.

Os autores nordestinos, contextualizados na realidade da qual escrevem, se inserem no processo produtivo da história de uma minoria que fala a partir de um “lugar social” (conceito certeuniano) diferenciado em nome de uma identidade nordestina. Utilizando Certeau, em seu texto “A invenção do Cotidiano” (1998), acredito que o estudo da literatura de cordel nos permite desvendar as práticas culturais, observadas não mais pelo viés elitista da razão científica e produtivista, no entanto a partir do olhar da produção cultural vulgar, da criatividade das pessoas comuns que produzem história a partir da memória – individual e coletiva. Como versa o poeta Josenir Lacerda:

A vida é um grande arquivo  
Guardando muitas histórias  
Cada história um grande crivo  
De derrota, fama ou glórias  
Cabe ao historiador  
Contar tudo com amor  
Preservando na memória.  
(LACERDA, Josenir. Dona Chica, 1995)

Para Halbwachs<sup>4</sup> a memória está relacionada ao fato social, assim as memórias de um indivíduo não são só suas, mas remete à memória social. O indivíduo produz sua memória a partir do contexto no qual está inserido, dessa forma o fato social exerce influência direta na memória.

Nos diálogos realizados ao longo do *I Colóquio internacional sobre poéticas da oralidade: cordel, uma tradição que se refaz*, é possível perceber que há interesse de intelectuais em construir um olhar diferente sobre o cordel. Esse novo olhar busca compreender como o cordel se insere nos dias atuais, assim como suas práticas sociais, possibilitando a construção de outro lugar discursivo, onde são ocasionadas outras significações a respeito do cordel.

### **3- Conhecimento científico e banalização do saber popular**

A literatura de Cordel possui linguagem simples, um modo coloquial com uma proximidade do modo de falar do povo nordestino, abarca a realidade e fala sobre o que o povo quer ouvir. Foge dos padrões literários convencionais tidos como importantes, mas que excluem a camada social popular por haver barreiras de conhecimentos e interesses. A literatura de cordel se insere no universo simples de pessoas humildes que se identificam e se afirmam pelas vozes/escritas de autores que rompem com a escrita dominante para evidenciar o que está a margem, silenciados por padrões burocráticos de uma estética da exclusiva.

As práticas científicas ao se propuserem ao estudo da literatura nacional, a partir do séc. XIX, buscavam atingir a verdade histórica da obra, na tentativa de atribuir ao cordel caráter científico. Porém trata-se de uma abordagem distante da realidade do cordel enquanto um fazer cotidiano, não se levava em consideração as vozes que narravam a partir de um 'lugar social' diferenciado, visto que os autores eram, por vezes, os próprios personagens da obra.

Lamentavelmente a literatura de cordel, como os demais elementos resultantes da cultura popular não recebe o devido reconhecimento, sendo discriminada e tratada como algo de menor importância por não estar inserida nos critérios da literatura dominante/oficial. Foi considerada por longo tempo como uma escrita sem dada

---

<sup>4</sup> IN: BOSI, 1994.

importância, que descrevia fatos nada interessantes aos olhos da elite brasileira. Entretanto, nas últimas décadas temos acompanhado uma mudança neste panorama, a literatura de cordel vem assumindo sua importância cultural assim como seus autores, os poetas populares vêm sendo alvo de estudos e publicações.

Apesar de ser mal quista pela história literária, a literatura popular – julgada como simples, rústica, grosseira – na realidade é bem parecida com a literatura erudita/culta. “No tratamento do assunto, Geneviève Bollème considera a literatura popular como uma literatura problemática, já que bastarda, mestiça, ilegítima, pois nem sequer tem nome próprio.” (MATOS, IN: MENDES, 2010, p. 19). A literatura popular suscita divergentes opiniões por parte dos intelectuais, no entanto sua expressividade é incontestável, sendo a mesma repleta de emoção com sua rica temática centrada no cotidiano.

Peter Burke em seu texto “O que é cultura popular” (2005) explana a definição de “cultura popular” em incompatibilidade com a “cultura erudita”. Segundo ele a antropologia teve participação fundamental para se repensar o termo “cultura”. O autor enfatiza que, a partir da década de 1970, com o surgimento da Micro-história, foi possível se pensar uma “nova história social”, unindo-se à Antropologia e desencontrando-se da considerada “grande narrativa”. Burke problematiza a distinção entre a “história intelectual” e a “história cultural”, esta sendo representada por teóricos como: Mikhail Bakhtin, Norbert Elias, Michel Foucault e Pierre Bourdieu:

[...] juntos, esses quatro teóricos levaram os historiadores culturais a se preocuparem com as representações e as práticas, os dois aspectos característicos da NHC, segundo um de seus líderes, Roger Chartier. (BURKE, 2005, p. 78).

Ao analisar tais autores Burke defende a desarticulação tanto na teoria quanto na prática da história cultural, como uma inovação cultural, uma reforma na tradição. A partir de então a idéia de representação deu abertura ao termo *construção*, o que representou uma redefinição de proveniências e abordagens nas pesquisas.

Sobre isso Foucault, em sua aula inaugural no Collège De France no ano de 1970, diz que os discursos são cristalizados e tidos como “verdade” com o objetivo de controlar. Foucault defende que a verdade está relacionada a “sistemas de poder”, que a criam e garantem sua manutenção através de sua reprodução. Para Foucault, não apenas

o discurso dos grupos “dominantes” são propagadores desta “verdade”, mas todos os discursos seriam como “regimes de verdades”, visto que todos falam em defesa de uma “verdade”. Assim o poder não encontra-se, necessariamente, de uns dos lados, mas ele é circular, à medida que permeia os vários discursos produzidos. Percebe-se essa relação de poder – sobre “verdades” articuladas – na escrita da literatura de cordel. Nesta há uma disputa de saber e poder, onde cada “lado” socializa sua versão com maneira própria.

Dessa forma se pegarmos um folheto escrito pelos considerados letrados de décadas anteriores percebemos sua fidelidade às instituições políticas, visto que seu discurso emerge em defesa da categoria política como detentora de honra e prestígio social. Todavia ao lermos folhetos de escritores populares percebemos a veemente crítica ao descaso dos políticos para com a população desvalida. Ou seja, cada qual defende a “verdade” do seu discurso, e cada qual procura legitimá-lo para conferir credibilidade aos seus dizeres e práticas. No caso dos “letrados” se utilizam do diploma, transformando o saber em poder na tentativa de manipular os não-letrados.

#### **4- Por um resgate da cultura popular**

A importância em se resgatar esta história do cordel está diretamente relacionada à manutenção da tradição cultural. Esses poemas versados, sejam eles cantados ou impressos, são carregados de subjetividade, de valores culturais do povo nordestino, portanto sua preservação é essencial para manter viva a memória popular. Por conseguinte, a literatura de cordel deve ser preservada, por se tratar de um patrimônio cultural, visto que o patrimônio é constituído pelos bens materiais e imateriais que se referem à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Dois dos maiores representantes da literatura de cordel no Brasil são Patativa do Assaré e Leandro Gomes de Barros.

Patativa do Assaré, ou Antônio Gonçalves da Silva, nasceu em 5 de março de 1909 na cidade de Assaré, no Sul do Ceará, de onde lhe provém o nome como é conhecido. Filho de pequenos proprietários rurais, foi criado ouvindo rimas e cantorias de cordel o que resultou numa enorme afinidade com a viola.

Em seu livro “Cante de lá que eu canto de cá” ele descreve a vida sofrida do sertão, onde as pessoas enfrentam miséria, fome, sede e diz que um bom poeta precisa enfrentar o sofrimento. Em um de seus versos ele declara:

Eu sou de uma terra que o povo padece/ Mas não esmorece e procura vencer./  
Da terra querida, que a linda cabocla/ De riso na boca zomba no sofrê/ Não  
nego meu sangue, não nego meu nome./ Olho para a fome, pergunto: que há  
?/ Eu sou brasileiro, filho do Nordeste./ Sou cabra da Peste, sou do Ceará.  
(fonte: [http://fotolog.terra.com.br/editora\\_coqueiro:212](http://fotolog.terra.com.br/editora_coqueiro:212))

Através de rimas simples, Patativa do Assaré exaltou a beleza de sua terra que exala encantos sublimes aos olhos de sua gente humilde, porém encantadora, digna de belos escritos.

Outra figura digna de destaque é Leandro Gomes de Barros, renomado cordelista, natural de Pombal – PB versava sobre o cotidiano de pessoas simples, com destaque para a zona rural da qual ele procedia. Em “**A Esperança do pobre**” o autor ironiza e satiriza, atribuindo doses de humor aos seus versos para explorar as circunstâncias do sujeito pobre que, desde cedo, vai criando estratégias para burlar a condição de quase miséria na qual se encontra. Barros descreve acontecimentos que chegam a desanimar “o pobre coitado” vitimado pela seca, porém que jamais se deixa desenganar, buscando tirar proveito até do sofrimento em busca de dinheiro e melhores condições de vida.

Após a análise concluo que esta Literatura é parte fundamental na manutenção da memória do povo nordestino, servindo não somente de fonte de entretenimento e reivindicação, mas de informação visto que os autores discorriam sobre temas atuais do cotidiano, os livretos durante muito tempo foram considerados o “jornal” do nordestino, como as pessoas eram, em maioria, iletradas, recorriam às cantorias dos folhetos para se manterem informadas sobre os últimos acontecimentos, visto que os cantadores populares mantinham seus escritos atualizados. O poeta popular cordelista vai além da informação dos acontecimentos por meio do folheto, ele se apossa do escrito como parte de sua identificação. Ele não apenas escreve, mas é conhecedor dos fatos narrados, assim também os leitores se identificam com os fatos apresentados, por se tratar de uma realidade comum. É através da escrita do Cordel que estes escritores/autores dão continuidade à tradição, afirmam sua identidade cultural, propagando suas ideias e mantendo viva sua arte, seus saberes.

## 5- Mendicância e Pobreza no imaginário do cordelista nordestino

As temáticas da pobreza e mendicância, sempre ligadas ao sofrimento de pessoas que lamentam sem nunca obterem resultados, são corriqueiras entre os cordelistas, estes conferem humor, drama, lamento para denunciar condições de vida indignas de seres humanos que nada tem senão a esperança.

Nos folhetos analisados ao longo desse estudo, os autores versam em defesa do ser mendigo, que aparece justificado de alguma forma. Os mesmos são sempre postos como vítima de uma sociedade desigual que não oferece condições de vida para os desfavorecidos. Um exemplo claro dessa “justificativa do sujeito mendigo” ocorre no folheto intitulado **“A filha de uma mendiga”** do autor Manoel Camilo dos Santos. Neste folheto o autor justifica a condição de mendiga da mulher desesperada em busca da sobrevivência. Ela não pede por comodismo, pede porque tem fome, porque não se vê em condições de trabalho.

A mendicância é colocada pelos autores cordelistas no âmbito das resistências, onde os sujeitos marginais não se deixam abater pela fome, porém buscam melhoria de vida como pedintes. Os autores retratam o universo nordestino com suas esperanças, sonhos, lutas, desenganos, crenças. Atribuem mágica à região mais pobre do país, trazendo à tona personagens peculiares, marginalizados, sofridos, vítimas de uma sociedade marcada por contrastes sociais, mas agora transformados em heróis que lutam por justiça e por espaço.

Uma característica forte na Literatura de Cordel é a ênfase dos valores religiosos contidos nas crenças do povo nordestino. Na maioria das obras há a presença do temor a Deus, à Virgem Maria, aos santos. Há uma relação de reciprocidade para com as entidades divinas. No folheto **“A mendiga na estrada e os milagres do Pe. Cícero”** de João José da Silva, onde percebe-se o apego à crença. Neste folheto é estabelecida, pelo autor, uma ligação direta do Pe. Milagroso com a devota fiel, que é recompensada por ter fé. A literatura de cordel é perpassada por elementos da cultura popular, ultrapassa a lógica racional, transformando pessoas comuns em heróis, dando significação à dura realidade do “Nordeste flagelado”, desamparado, desprezado, esquecido.

É enorme a quantidade de cordéis que versam sobre a condição de pobreza do Nordeste, onde os atores da seca emergem radiantes da realidade miserável para



contarem de forma, ora dramática, ora cômica suas experiências. No folheto **“História do homem que nasceu para ser pobre”**, de autoria de Apolinário Sousa, a desigualdade social é traçada como determinação do destino. O autor versa sobre um homem de família rica que nasceu para ser pobre, várias são as tentativas para burlar o destino, no entanto o homem morre pobre de esmola. Em muitos poemas verifica-se essa condição de naturalidade do “ser pobre” onde não há meios de ascender socialmente, devendo-se, portanto, se conformar e pedir forças a Deus e aos santos/as.

A pobreza aparece como um dos principais temas trabalhados na literatura de cordel, sempre colocada como situação crítica, porém os autores atribuem comédia, tornando as circunstâncias de miséria em algo hilariante e que vem a servir de incentivo para que se prossiga lutando, confiante na vida. Os autores populares produzem uma escrita carregada de humor sem abrir mão da crítica, seus poemas ao passo que divertem e interagem com o público, denunciam discursos e práticas coniventes com o estado de descaso da população que é escarnejada, encontrando-se à mercê de si mesma. O poeta José Pacheco em seu folheto **“O prazer do rico e o sofrimento do pobre”** produz uma sátira social onde ele fala sobre as dificuldades enfrentadas pelo pobre, este que trabalha pesado a vida inteira em troca de quase nada, enquanto que o rico ao nascer já tem de tudo e apenas desfruta de facilidades. Na fala do autor a situação de pobreza caracteriza-se como condição de debilidade, dependência e humilhação, caracterizada pela privação dos meios.

Antônio Gonçalves, o famoso Patativa do Assaré em seu poema **“ABC do Nordeste flagelado”** descreve com objetividade o modo de viver de pessoas pobres, à mercê do desengano proveniente da falta d’água. No decorrente poema, um dos grandes representantes da literatura de cordel Patativa do Assaré discorre sobre a situação precária pela qual passa o Nordeste em decorrência da seca que vitima principalmente a população de baixa renda. Como em diversos outros poetas conterrâneos é evidenciado em Patativa o apelo “ao Pai Celeste” para que se amenize a situação sôfrega do “povo penitente” que nada tem senão a fé de que a abundância um dia virá. Ele diz: “A — Ai, como é duro viver / Nos Estados do Nordeste / Quando o nosso Pai Celeste / Não manda a nuvem chover.”

Após versar sobre a condição de escassez e miséria à qual estão submetidos os nordestinos “flagelados”. Nota-se em sua fala que Patativa se mantém familiar àquela situação, ou seja, ele fala do que viu, sua fala é legitimada pela observação dos fatos narrados. Ele encerra dizendo: “Posso dizer que cantei /aquilo que observei; tenho

certeza que dei /aprovada relação. Tudo é tristeza e amargura, / indignância e desventura. — Veja, leitor, quanto é dura /a seca no meu sertão.”

O autor João Sabino Nascimento publica, em 1881, o cordel “**A vida do pobre hoje em dia**” onde ele transcorre sobre o modo como os países ricos se aproveitam dos mais pobres, sendo tal situação responsável pelo alto índice de desempregados e mendigos. Nascimento fala de forma concisa sobre a condição de subordinação à qual os pobres se colocam em favor de “migalhas”, nunca alcançando o devido reconhecimento por parte dos abastados. Essa concepção é comumente abordada entre os autores cordelistas, que versam sobre esta disparidade sócio-econômica que marca o Brasil de sua época.

## **Conclusão**

A pesquisa para este artigo possibilitou a discussão em torno da mendicância não somente na Literatura de cordel, mas no Brasil do século XIX, pois a Literatura é um reflexo da sociedade em que ela está inserida.

Ao adentrar o universo da literatura de cordel faz conhecer que ela perpassa além do livreto impresso, tornado-se veículo transmissor de cultura, tendo, portanto relevante função social, visto que sua escrita retrata o dia a dia de seus escritores, atores de uma trajetória comum, que é por vezes banalizada por não tratar de fatos considerados importantes. É de extrema importância o estudo da literatura de cordel para que se conceda visibilidade a esta arte, para então se desmitificar os preconceitos arraigados e afirmados no interior da nossa sociedade para que haja uma valorização e difusão dessa produção artístico-cultural.

É fundamental desconstruir os preconceitos seculares, baseados no discurso eurocêntrico para dar lugar a uma conscientização que nos permita o reconhecimento e o respeito à alteridade. A literatura de cordel deve ser pensada enquanto patrimônio cultural formador de nossa identidade e como tal ser alvo de preservação e manutenção.

Este trabalho representa a importância desse resgate cultural. A pesquisa empreendida ao longo desse período se configurou como fonte de extrema validade para os estudos sobre a literatura de cordel e seus representantes. A Academia vem

desenvolvendo este papel de incentivadora de projetos que valorizam e defendem a conservação de nossas raízes culturais. E a literatura de cordel, por sua valiosa contribuição para a história, não poderia estar silenciada da produção Acadêmica.

A literatura de cordel é permeada de sentimento, historicidade, cultura. Assim, não se configura apenas como expressão literária, mas também como um discurso popular que deve ser devidamente resgatado e reconhecido como aspecto de fundamental importância para a cultura do país. O ato de valorizar as histórias de vida dessas pessoas narradas nos cordéis, contadas por elas mesmas, escritas e socializadas pelo autor/ator, exprime uma forma de entender o conceito e a utilidade da História. A História se caracteriza como uma narrativa. Não existe uma única História já acabada, ela é sempre narrada, contada por alguém. Trata-se de um decurso permanente, que tem vivacidade e, por mais que se refira ao passado, a História é elaborada no cotidiano e, é constantemente modificação pelas concepções e ações do sujeito.

A História é construída pelos sujeitos e, portanto, todo sujeito é personagem e autor da História. Assim a história está relacionada aos acontecimentos e ao registro dos mesmos. Entretanto são os sujeitos que vão selecionar os fatos de sua trajetória de vida que irão permanecer nos registros para a posteridade. Dessa forma toda pessoa tem o direito de decidir o que quer contar sobre sua experiência, bem como de qual forma e para quem quer transmiti-la.

Toda história, com suas particularidades e características próprias, tem valor. A história de cada pessoa ou grupo é única, e merece ser preservada e conhecida. Não há histórias melhores ou piores, nem mais ou menos importantes. O uso das narrativas históricas faz parte do cotidiano. A história produzida merece ser preservada para as futuras gerações, mas só é preservado o que tem sentido social. Tão importante quanto contar uma história é fazer com que seja ouvida e mantida, enquanto objeto da cultura popular.

## ABSTRACT

This research has as its central theme the study of begging in the Literature of string. The string literature is configured as a manifestation of popular culture, as it is crossed by meanings. Thus, not only sets as literary expression, but also as a popular discourse that should be duly rescued and recognized as an aspect of utmost importance for the country's culture. This work represents the importance of this cultural revival. Regarding methodology, it is a field research, qualitative in nature. In the theoretical framework were discussed the main aspects related to Literature of string through the use of authors such as Mendes, Chartier, Eagleton, Bourdieu, Certeau, Bosi, among others, to assign credibility to the proposition defended. Data analysis was performed through a cataloging of the leaflets of twine, as well as research in the Library Attila de Almeida, located in the Rectory of UEPB. At present the methodological framework analysis of the leaflets twine, affirming the importance of two great names in the string literature in Brazil: Patativa of Bakewell and Leandro Gomes de Barros.

**KEYWORDS:** Literatura de Cordel. Begging. Popular Culture.

## 7- REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de (2010). **A invenção da cultura popular: uma história da relação entre eruditos, intelectuais e formas de expressões populares na Península Ibérica e Brasil (1870-1940).**

Disponível em:

[http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda\\_remissa/a\\_invenca\\_cultural.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/a_invenca_cultural.pdf). Data de acesso: 13 abr. 2011.

ALMEIDA, Rui, 1900. **A poesia e os cantadores do Nordeste** [Folheto] / Rui Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura Popular Brasileira**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

ASSARÉ, Patativa [Antônio Gonçalves da Silva] (2005). **Patativa do Assaré: uma voz do Nordeste**. 2. ed. Introdução e seleção de Sylvie Debs. São Paulo: Hedra. (Coleção Biblioteca de Cordel.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, 191 p.

CASCUDO, Luís da Câmara (1952). **História da literatura brasileira: literatura oral**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. **Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país** [Folheto de cordel] / Rodolfo Coelho Cavalcanti. [S. l.: s.n.], 1984.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. 6ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

COBRA, Cristiane Moreira. **Literatura popular e religiosidade: Criatividade e hermenêutica em Patativa do Assaré**. São Paulo: Último Andar, p. 29-48, 2006.

JOTA BARROS. **O cordel e a xilogravura** [Álbum] / Jota Barros. Com texto de Hugo Pedro Carradore. 1981.

MELO, Veríssimo de, 1921-1996. **Aspectos da religiosidade nordestina no cordel** [Folheto] / Veríssimo de Melo. [S.l.: s.n.], 1984. 42 p.

MENDES, Simone [Organizadora]. **Cordel nas Gerais: Oralidade, Mídia e produção de sentido**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

TERRA, Ruth. **Memórias de Luta: a Literatura de Folhetos no NE (1893-1930)**, São Paulo; USP, Instituto de Estudos Brasileiros, 1981.

Sites:

<http://www.ablc.com.br/> (Acessado em 15/04 2011 às 14:00).

<http://www.teatrodecordel.com.br/> (Acessado em 15/04/2011 às 14:45)

<http://cordelparaiba.blogspot.com> (Acessado em 10/05/2011 às 15:00).

[file:///D:/PIBIC/leandro\\_bibliografia\\_arquivos/leandro\\_bibliografia.gif](file:///D:/PIBIC/leandro_bibliografia_arquivos/leandro_bibliografia.gif) (Acessado em 02/06/2011 às 20:00).

<file:///D:/PIBIC/patativa-abc.htm> (Acessado em 02/06/2011 às 20:40).